

UM ESTUDO SOBRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LÍNGUA INGLESA

Cinthia Maria da Fontoura Messias (UEMS)
cinthiamessias@yahoo.com.br

RESUMO

Uma das características mais importantes das línguas humanas e mais relevantes em relação ao ensino da língua materna é a diversidade linguística. Os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de derrubar preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, principalmente na escola. É importante conhecer a imensa variedade linguística deste idioma, uma vez que existem também outras, mas não menos importantes, como o inglês australiano, o inglês canadense, o inglês sul-africano, dentre outros citados brevemente neste trabalho. Assim, este artigo objetiva discutir as variantes da língua inglesa sob a perspectiva da Sociolinguística.

Palavras-chave: Inglês. Variação linguística. Sociolinguística.

1. *Conceitos iniciais*

O tema central deste trabalho – variação linguística – é um dos focos da sociolinguística. Apresenta, pois, muitos conceitos que devem ser esclarecidos para que se possa acompanhar o desenvolvimento do assunto a ser tratado: a relação da variação linguística com a língua inglesa.

Quais os tipos mais comuns de inglês? Temos duas grandes vertentes: o norte-americano (que ainda é subdividido em um inglês estadunidense e o canadense) e o britânico (que se subdivide em vários: escocês, irlandês, galês, inglês – da Inglaterra). Há outros inúmeros tipos e variações de inglês pelo mundo, na forma oral e escrita.

Antes de qualquer consideração mais específica acerca de uma possível “conclusão” em se tentar responder à pergunta acima é pertinente, também, conhecer a história da língua inglesa, e até que ponto a Sociolinguística pode contribuir para fomentar a discussão.

Consoante ao exposto, iniciaremos agora a apresentação de alguns conceitos que poderão ajudar no entendimento do assunto em pauta. Para Câmara Jr (2009, p. 195), “o que define uma língua, em face das demais, é a sua estrutura, que estabelece oposições específicas de fonemas e formas”. O renomado linguista ainda contribui ao falar a respeito da língua comum ou língua nacional. Para ele, a *língua nacional*, isto é, comum a toda uma nação,

tende a constituir-se, a partir de certo estágio de civilização, uma modalidade de seu uso, dita língua culta, que serve para as comunicações mais elaboradas da vida social e para as atividades superiores do espírito (...) a *língua nacional* (grifo nosso) nem sempre corresponde ao conceito estrito de nação, como Estado politicamente constituído e soberano. Num desses Estados pode vigorar mais de uma língua nacional (ex.: na Suíça), e uma língua comum pode vigorar em mais de um Estado (ex.: o português em Portugal e no Brasil). (CÂMARA JR, 2009, p. 196)

Monteiro (2008, p. 46), na obra *Para Compreender Labov*, escreveu que *dialeto* “é uma variedade subordinada a uma dada língua, que assim seria entendida como a soma de vários dialetos”. O autor afirma que, em geral,

um dialeto se circunscreve a uma zona ou região territorial, que frequentemente coincide com as fronteiras ou barreiras geográficas (...) quando se tenta estabelecer limites entre diferentes dialetos, corre-se o risco de se considerar muito mais os fatos sociais do que os linguísticos. (MONTEIRO, 2008, p. 46)

Para Câmara Jr (2009, p. 115), os *dialetos* são “falares regionais que apresentam entre si coincidência de traços linguísticos fundamentais e que não oferecem uma unidade absoluta em todo o território por que se estende”.

Hudson (1984), ao questionar sobre a diferença entre língua e dialeto, apresenta os seguintes critérios:

- a) o *tamanho*, porque os dialetos são partes ou subconjuntos da língua;
- b) o *prestígio*, porque os dialetos em geral são variedades menos prestigiosas do que a língua;
- c) a *mútua inteligibilidade*, porque, se os falantes se entendem, isso significa que estão usando a mesma língua, mas não necessariamente o mesmo dialeto. (HUDSON, *apud* MONTEIRO, 2008, p. 46)

Em face do exposto, pode-se entender, conforme afirma Monteiro (2008, p. 47), que não há nenhuma distinção exata entre língua e dialeto. Para ele, “o que faz que uma variedade passe a ser considerada como língua é uma decisão puramente política”.

Outros conceitos relevantes para o estudo em pauta são sotaque, idioleto e socioleto, todos retirados da obra *Para Compreender Labov* (MONTEIRO, 2008), pois contribuem para o entendimento da relação da variação linguística em língua inglesa com as variações americana e britânica.

Sotaque: refere-se apenas a diferenças de pronúncia, à maneira como um falante pronuncia e, por conseguinte, a uma variedade que é foneticamente

e/ou fonologicamente distinta de outras variedades (p. 47). *Idioleto*: é a maneira de falar característica de um indivíduo. Numa comunidade, não há duas pessoas que falem igualmente, empregando os mesmos tipos de construção sintática, uma frequência igual na seleção de vocábulos ou uma realização de fonemas sem distinção (p. 50). *Socioleto*: também denominado de dialeto social, é o uso linguístico próprio de uma classe ou categoria social específica (p. 50). (MONTEIRO, 2008)

Para Câmara Jr (2009, p. 279), *sotaque*, “também dito impropriamente acento”, é o conjunto de traços fonológicos específicos que caracterizam “a pronúncia numa modalidade regional de uma língua, ou a pronúncia de uma língua falada por estrangeiros aloglotas”.²³

Para encerrar, um conceito muito valoroso e que não poderia estar de fora é o de *idioma*. Para Câmara Jr (2009, p. 176),

enquanto o conceito de língua é relativo e se aplica a uma língua comum, a um dialeto, a um falar, a uma gíria e até a um idioleto, o idioma só se refere à língua nacional, propriamente dita, e pressupõe a existência de um estado político, do qual seja a expressão linguística: o mirandês, por exemplo, é uma língua, mas não um idioma. (CÂMARA JR, 2009, p. 176)

A seguir, serão vistas algumas considerações pertinentes a respeito da sociolinguística, ciência que enfoca fundamentalmente o processo de interação fala/sociedade, justificando-se pela necessidade de compreender os fatores que possam influenciar a operação de uma ou de outra variante, na busca de estabelecer uma sistematização ao processo de variação linguística.

2. Sociolinguística – algumas considerações

A sociolinguística surgiu na década 60 nos Estados Unidos com os trabalhos de William Labov. Para ele, toda língua muda e varia, ou seja, muda com tempo, varia no espaço e varia também de acordo com a situação social do falante. Labov ainda afirmava que “o problema crucial sempre foi o de decidir onde se deve situar a variação no sistema linguístico” (MONTEIRO, 2008, p. 32). A sociolinguística teve como bases a linguística, a antropologia e a sociologia, averiguando com profundidade aspectos da linguagem no contexto social. Isto permitiu que o estudo ci-

²³ **Aloglota**: Ling Que fala outra língua, que aprendeu de oitiva, simplificando-a brusca e extremamente. s m+f Pessoa que se encontra subitamente diante de uma língua nova e que deve aprender de oitiva e falar sem a necessária preparação. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/aloglota>>. Acesso em: 15-05-2015.

entífico de fatos linguísticos excluídos até então fosse incorporado ao campo dos estudos da linguagem.

A sociolinguística explora segmentos sociais que constroem e caracterizam a realidade e/ou o futuro linguístico de um povo, ao mesmo tempo em que pretende entender os fatores de variação e mudança linguística, analisando e divulgando as características da linguagem, da cultura e da sociedade pesquisada.

A sociolinguística tem por foco pesquisar os padrões de comportamentos linguísticos observáveis dentro de uma comunidade de fala, reconhecendo a língua como uma realidade social. Na visão sociolinguística, a língua é encarada como um fenômeno essencialmente social, dinâmico, pelo fato de estar essencialmente ligada à sociedade e, por conseguinte, às pessoas que dela se valem em suas relações sociais, culturais, pessoais, familiares, profissionais etc.

Dentro de uma mesma comunidade, podem suceder variações por conta de fatores políticos, de escolaridade, de gênero, religiosos, econômicos, dentre outros. Entretanto, a variação também pode surgir entre diferentes comunidades, principalmente por fatores geográficos.

No que se refere à *variação linguística*, Alkmim (2001) explica, resumidamente, que existem quatro tipos:

a *variação diacrônica*, que resulta de mudanças ocorridas ao longo da história de uma língua. No plano sincrônico, temos a *variação diatópica*, causada por fatores geográficos; a *variação diastrática*, resultado de fatores sociais, como idade, sexo, classe social, entre outros. E por último, a *variação diafásica* ou estilística, que diz respeito à adequação a um determinado contexto. (ALKMIM, 2013).

À frente dessa sucessão de variedades linguísticas, a sociedade acaba por escolher apenas uma como o modelo, o padrão a ser seguido. Tal escolha é influenciada, basicamente, por fatores políticos e econômicos e não linguísticos. Assim, a norma elitizada é vista como a única e correta; enquanto as demais variedades são estigmatizadas, consideradas erradas, menores.

Para Salomão (2011, p. 191), variante, variável e variedade são alguns dos termos-chave da sociolinguística, e a autora se utiliza dos conceitos de Labov para explicá-los:

O termo *variante* é utilizado nos estudos de Sociolinguística para designar as formas que estão sofrendo variação, ou seja, uma ou mais formas usadas ao lado de outra na língua sem que se verifique mudança no significado básico. O

conjunto das variantes é denominado *variável linguística*, ou seja, a forma, o traço ou construção linguística que é o próprio fenômeno variável tomado como objeto de estudo pelo investigador. A sociolinguística entende que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores de natureza social (internos à língua) ou estrutural (externos à língua), os quais podem exercer pressão sobre os usos. E *variedade* (grifo nosso) é o termo que corresponde, *grosso modo*, ao termo dialeto. (SALOMÃO, 2001, p. 191)

Os estudos sociolinguísticos são os meios pelos quais uma comunidade linguística e sua história são descritos. Tais estudos ganham força entendendo a língua como fato social dinâmico, em que a variação é elucidada pela mudança social – por forças externas, portanto.

Segundo Bagno (2001, p. 18), a língua também fica diferente quando é

falada por um homem ou por uma mulher, por uma criança ou por um adulto, por uma pessoa alfabetizada ou não alfabetizada, por pessoas de classe alta ou classe baixa, por um morador da cidade ou morador do campo e assim por diante.

Em suma, a sociolinguística se ocupa do estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. A comunidade linguística, que é um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos, é o seu *locus* de trabalho.

3. História da língua inglesa e suas variações linguísticas

3.1. Introdução

A língua inglesa, como todas as outras, tem variantes regionais e sociais dentro de sua esfera de uso. Tais variantes acontecem dentro de um país, de um estado, de uma cidade, de um grupo de pessoas. As variantes ocorrem no sistema sonoro, isto é, na pronúncia, que é o traço que usualmente destaca uma variante da outra. Ocorrem também no léxico, e em alguns casos na sintaxe. As expressões idiomáticas são também marca de algumas variantes.

No caso do léxico, as variantes podem empregar uma palavra diferente para o mesmo referido ou, ainda, a mesma palavra pode adquirir sentidos diferentes em diferentes variantes. No caso da língua inglesa, falada por um enorme contingente de pessoas, as variantes são também muitas. Contudo, as mais importantes, das quais derivam todas as outras, são o inglês britânico e o americano. Tanto no Reino Unido quanto nos

Estados Unidos existem variantes regionais e sociais. Contudo, em ambos os casos prevalece uma *koiné*, que é um código oficial, isto é, a língua socialmente mais aceita e tida como modelo. A *koiné* é entendida por todos. No caso das diferenças entre o inglês britânico e o americano, o que o aprendiz do idioma não deve fazer é misturar as duas variantes. Seria como se estivesse misturando o português de Portugal com o do Brasil. É a mesma língua, mas há diferenças, também de pronúncia, de léxico, de fraseado.

Conforme Steinberg (2003, p. 7), a língua inglesa, como era falada na época em que foi levada para o Novo Mundo pelos peregrinos do *Mayflower* em 1620, sofreu alterações que lhe outorgavam aspectos diferentes nos dois lados do oceano:

No Novo Mundo, no decorrer da história, as diferenças se manifestaram na retenção de alguns significados que caíram de uso na língua mãe. É o caso, por exemplo, da retenção de *Fall* com o significado de outono, que no Reino Unido passou a ser *Autumn*. Na pronúncia, a retenção da vogal /æ/, que depois na pátria-mãe passou a /ɑ/ em muitas palavras quando a referida vogal é seguida de “s”, “ns”, “f”, “th”. A retenção do “r” diante de consoante é outra característica. A ortografia também tem regras diferentes nas duas vertentes. Noutras vezes, houve uma especialização de significado, como *bug*, que se refere, nos Estados Unidos, a inseto em geral, ao passo que na pátria-mãe o significado se especializou para percevejo”. (STEINBERG, 2003, p. 7)

O inglês da América recém-encontrada pelo *Mayflower*, introduziu um grande processo de enriquecimento lexical. Este é o aspecto inovador do inglês americano.

Os peregrinos, ao aportarem no Novo Mundo, entraram em contato com os povos indígenas, dos quais tomaram emprestados termos referentes especialmente à flora e fauna, diversa da existente no Velho Mundo. Outros povos vieram, dentre eles em maior número os franceses, alemães, holandeses e espanhóis, e, com eles, novos termos foram incorporados ao léxico. E a língua inglesa falada deste lado do oceano foi ficando diferente não apenas no léxico, mas também na pronúncia, que se assemelha hoje à da época de Shakespeare, conhecida como era Elizabetana. (STEINBERG, 2003, p. 8)

De acordo com Burgess (1999, p. 21), no que se refere ao dialeto inglês, em geral,

o escolhido é o mais falado na capital do país, na corte real ou nas universidades. O dialeto inglês que se estabeleceu como o mais importante é considerado hoje em dia como o inglês padrão ou o inglês do Rei (ou Rainha). É o que todos os estrangeiros que desejam saber inglês começam a aprender. (BURGESS, 1999, p. 21)

Situações típicas da vida americana, novos inventos, o automóvel, o mundo acadêmico, geraram termos diferentes nas duas variantes. Segundo Steinberg (2003, p. 8),

há cerca de 4 mil palavras da língua inglesa com sentido diferente na Inglaterra e nos Estados Unidos. Ocorre também muitas vezes que dois ou mais termos são comuns às duas variantes, mas sempre há uma questão de preferência de uso de uma forma em detrimento da outra. É a chamada *usage*, ou seja, uso. (STEINBERG, p. 8)

Pode acontecer de palavras diferentes corresponderem a uma mesma coisa, ou melhor, a um mesmo objeto, é o caso de “*subway*” e “*underground*”, que são usadas para se referir ao metrô. Há também algumas diferenças sutis na escrita, que acabam por diferenciar as palavras, é o caso de “*grey*” e “*gray*”, ambas usadas para se referir à cor cinza.

Para concluir, salienta-se que o inglês britânico não ficou estático. Além de a pronúncia ter evoluído, também recebeu empréstimos linguísticos principalmente do francês. E, atualmente, recebe muita influência do inglês americano, por meio da televisão e, especialmente, do cinema.

3.2. Inglês: a língua mundial

O inglês é mais falado e escrito do que qualquer outra língua do mundo. O conhecimento de inglês tornou-se uma exigência de uma série de domínios, ocupações e profissões, particularmente nas áreas de Medicina e Informática. Aproximadamente 80% das comunicações das empresas ao redor do mundo são na língua inglesa e mais de 80% dos *websites* na Internet são em inglês. Muitas publicações científicas e informações do comércio exterior, por exemplo, são escritas em inglês e compartilhadas por pessoas de todo o mundo. Por isso, o inglês é a língua mais ensinada como língua estrangeira e é frequentemente referida como uma “língua mundial”, a língua franca²⁴ da era moderna, usada em países com mais de uma língua oficial, como Bélgica, Suíça e Luxemburgo.

O inglês é a língua oficial em mais de 55 países do mundo e de muitas organizações importantes como a ONU, OTAN, União Europeia e na área de esportes, como o Comitê Olímpico Internacional. É a primeira

²⁴ De acordo com Phillipson (1992) *apud* Kalva (2011), “a língua franca é uma língua que é usada para a comunicação entre diferentes grupos de pessoas, cada grupo falando uma língua diferente. A língua franca pode ser uma língua usada internacionalmente (ex: inglês), à qual é utilizada por pessoas que não têm uma língua comum e se utilizam do inglês para a comunicação”.

língua de quase 400 milhões de pessoas e segundo idioma para quase um bilhão de pessoas.

Importante saber que não necessariamente o país que adota a língua inglesa como oficial, a utiliza no dia a dia. Assim, costuma-se dividir entre os países que têm o inglês entre oficial *de facto* (na teoria) e oficial *de jure* (pela lei), que são expressões advindas do latim. Os países com adoção de *facto + jure* são somente Estados Unidos, Reino Unido e Nova Zelândia. Todos os demais são apenas *de jure*.

De acordo com o Blog da Cultura Inglesa no Ceará (2012), existem 12 países que possuem o inglês como língua nativa: Austrália, Bahamas, Estados Unidos, Granada, Guiana, Grã-Bretanha (Inglaterra, Escócia e Gales), Irlanda, Jamaica, Porto Rico, Nova Zelândia e Trinidad. Ainda, de acordo com o blog,

onze países possuem o inglês como língua oficial, mas não nativa: Botsuana, Fiji, Gâmbia, Gana, Libéria, Maurício, Nigéria, Rodésia, Serra Leoa, Uganda e Zâmbia. (...) ainda temos 14 países que falam inglês, mas como segundo idioma oficial: Camarões, Índia, Lesoto, Malui, Malta, Mamíbia, Nauru, Filipinas, Singapura, África do Sul, Suazilândia, Tanzânia, Tonga e Samoa Ocidental.

Se analisarmos os países citados acima, veremos que a maioria foi anteriormente uma colônia inglesa (exceto a Etiópia). Alguns deles ainda têm certa ligação política ou econômica com órgãos e empresas inglesas, o que contribui ainda mais para a perpetuação da língua. É o chamado Mundo Anglo-Saxônico, composto por todas as nações que compartilham características históricas, políticas e culturais enraizadas ou atribuídas à grande influência do Reino Unido. Hoje em dia, falar e dominar o inglês é uma habilidade básica para quem procura crescimento profissional, conhecer outros países, outras culturas etc.

A presença britânica global, consequência do Império Britânico e da *Commonwealth*²⁵, trouxe o inglês para muitos países, incluindo o Canadá, a Nova Zelândia, os Estados Unidos, a África do Sul, a Austrália,

²⁵ “A Comunidade das Nações (*Commonwealth*) é composta, atualmente, por 54 Estados. Sua origem remonta ao antigo Império Britânico, que teve fim nos anos 60. Não foi estabelecida por um tratado, mas por uma série de declarações de princípios exortatórias, das quais as mais significativas foram emitidas em Cingapura, em 1971, e em Harare, em 1991 (...) Hoje, há um certo consenso no sentido de que seus objetivos políticos e econômicos encontram-se no campo do desenvolvimento e da governança. No entanto, a *Commonwealth* tem gradualmente ganhado importância na promoção e na proteção dos direitos humanos dos seus dois bilhões de cidadãos, aproximadamente”. (BOURNE, 2010)

vários países da África, como Nigéria e a Índia. No entanto, é possível afirmar que a predominância continuada do inglês no mundo atual se deve amplamente à ascensão dos Estados Unidos como uma superpotência de língua inglesa após a Segunda Guerra Mundial.

3.3. Breve história da língua inglesa

O inglês vem sendo falado continuamente na Inglaterra há cerca de 1500 anos, mas o inglês falado desde seu surgimento é uma língua que o homem de hoje não é capaz de entender. E, no entanto, é a mesma língua.

O inglês faz parte do ramo germânico da família indo-europeia de línguas. Até o ano 1000, a língua inglesa consistia por volta de quarenta mil palavras. Atualmente o número cresceu para mais de quinhentas mil. Um grande número de palavras encontradas no vocabulário do inglês foi emprestado do latim, do francês, do alemão e das línguas escandinavas.

“Inglês” significa todos os diversos tipos de inglês falados a partir daquele exato momento em que os primeiros falantes da língua se estabeleceram na Inglaterra até os dias de hoje.

A história da língua inglesa se inicia com a chegada dos indo-europeus (conhecidos como Celtas), que se originaram, *a priori*, de populações que habitavam a Europa na Idade do Bronze (700 a.C), e também pelas regiões hoje conhecidas como Espanha, França, Alemanha e Inglaterra. Apesar da invasão dos romanos em 55 a.C, a língua dos celtas foi muito pouco modificada. Os romanos partiram, e vieram os ferozes povos germânicos, chamados anglo-saxões. Assim, com seus diversos dialetos germânicos, plantariam as primeiras sementes da língua inglesa²⁶.

Os anglo-saxões, ainda que fossem um povo guerreiro, tinham uma cultura própria muito refinada e expressiva. O ritmo, tão presente em sua língua, servia bem à antiga tradição do verso longo, eminentemente oral. Eles apreciavam jogos de palavras, insinuações e a prática de dizer as coisas sem dizê-las, uma característica bastante presente no uso e na expressão do inglês moderno da Inglaterra.

²⁶ Schumacher (2002, p. 142) explica que as 100 palavras mais comuns da língua inglesa são de origem anglo-saxã, como *wood, dog, field, is, the, work* e *you*.

A primeira grande influência sobre a língua inglesa veio com a chegada do cristianismo para a Grã-Bretanha. Bem recebido, a consequente liberdade que teve para pregar a futuros católicos facilitou a expansão do latim – e a sua consequente primeira influência considerável sobre a língua inglesa – que causou uma renovação na língua. Além de adicionar palavras novas, ainda levou à criação de palavras alternativas, como a expressão latina “*Spiritus Sanctus*”, que propiciou a criação da expressão “*Halig Gast*”, “*Holy Ghost*” (“Espírito Santo”) e nos deu a possibilidade de escolha entre *spirit* e *ghost*. A palavra *phantom* (“fantasma”) apareceria muitos séculos depois como uma opção para *ghost*. Essa primeira influência significativa do latim foi precursora de uma clara opção em utilizar o inglês tanto em forma vernacular quanto em uma forma mais elaborada.

A periodização da história da língua inglesa pode ser dividida em *Old English*, *Middle English* e *Modern English*, cada uma com suas características peculiares.

O período do *Old English* (“inglês arcaico”) se iniciou quando as terras da Inglaterra foram invadidas pelas tribos germânicas – os Anglo-Saxões e Jutes – como foi visto anteriormente. A introdução do cristianismo colaborou na influência das primeiras ondas de palavras do latim e do grego na língua inglesa. O *Old English* não era uma língua uniforme, pois era preservada por inscrições nas traduções bíblicas complexas e fragmentos diversos. Esse período terminou com a invasão dos Normandos, quando o inglês foi influenciado por um número maior de falantes que usavam esse dialeto. Na batalha de Hastings, em 1066, o rei William – o conquistador – derrotou o exército dos anglo-saxões e impôs suas leis, seu sistema de governo e sua língua – a francesa.

O segundo período da formação da língua inglesa está relacionado, mais uma vez, à forma de colonização. Foi iniciado, então, o *Middle English* (“inglês médio”), com forte presença e influência francesa, e durou cerca de três séculos. O francês, juntamente com o latim, tornou-se a língua da lei e era o idioma oficial nas cortes. Com o passar dos séculos e as disputas que ocorreram entre os normandos das ilhas britânicas e os habitantes do continente, surgiu um sentimento “nacionalista”, ou apenas um desejo de consolidação político-linguística. O inglês continha formas de expressão atraentes e, em vez de ser erradicado, ressurgiu forte, com mais de dez mil palavras novas. O escritor Geoffrey Chaucer é mais lembrado pela sua obra-prima *Os Contos da Cantuária*, de 1344, marcada por uma rica percepção do dia a dia e das características das pessoas da

época. Duas gerações após a sua morte, ocorreu na Inglaterra o que ficou conhecido como a Grande Mudança das Vogais (“*The Great Vowel Shift*”), onde sete sons de vogal longa do inglês foram reduzidos para cinco. Essa mudança fundamental na pronúncia costuma marcar a transição entre o inglês médio e as origens do inglês moderno. O efeito dessa mudança de pronúncia na mais importante obra de Chaucer, escrita em forma de poesia, foi uma alteração radical no ritmo que ele havia incorporado usando a forma antiga. Schumacher (2002, p. 144) nos dá um exemplo de frase do inglês moderno pós-mudança vocálica: “*So it is time to see the shoes on the same feet now*”, comparada ao seu equivalente anterior à mudança das vogais em “*Saw it is team to say the shows on the sarm fate noo*” (“Agora é a hora de ver os sapatos nos mesmos pés”).

Por volta de 1425, o inglês estava presente em todas as camadas da sociedade em forma falada e escrita. Muitas palavras do inglês arcaico haviam se perdido, mas muitas ainda estavam coexistindo ou mudado de significado. A influência do francês foi tão grande, que até hoje usamos palavras do francês na língua inglesa, como “*respond*”, “*dress*”, “*arrive*”, “*finish*”, “*mansion*”.

O *Modern English* (“inglês moderno”) inicia no século XVI e vai até os dias de hoje, onde houve uma revolução complexa da fonologia do inglês. Enquanto o *Middle English* se caracterizou por uma acentuada diversidade de dialetos, o *Modern English* representa um período de padronização e unificação da língua, porém sem uma pronúncia exclusiva ou uniforme, pois as pronúncias, as expressões e as formas de comunicação variam de lugar para lugar, de grupos sociais para grupos sociais. O inglês moderno começa, realmente, a partir do momento em que conseguimos encontrar um velho poema ou uma obra em prosa que possam ser entendidos sem a ajuda de uma gramática ou de um dicionário. De acordo com Baugh (1981) *apud* Silva (2012), qualquer pessoa que não tenha uma especialização ou grande conhecimento da época do surgimento do inglês é incapaz de compreender qualquer texto daquele tempo.

O advento da imprensa em 1475 e a criação de um sistema postal em 1516 possibilitaram a disseminação do dialeto de Londres. Desta forma, a língua inglesa se desenvolve em muitas áreas onde os ingleses haviam colonizado, acabando por realizar pequenas e interessantes contribuições para o vocabulário inglês. No período da Renascença, dentre muitos escritores e poetas expressivos encontramos Shakespeare, que foi responsável pela divulgação impressa de um formidável número de novas palavras e expressões. Este ícone da literatura britânica ampliou o

uso de várias palavras já existentes, unindo-as para formar novas palavras ou adicionando-lhes prefixos e sufixos. Hoje em dia, entende-se que uma pessoa com boa instrução tem cerca de quinze mil a vinte mil palavras à sua disposição, ao passo que Shakespeare contava com nada mais, nada menos que trinta mil palavras.

É no *Modern English* que temos a distinção entre os tipos de inglês falados: o americano e britânico. Dentro deste, temos subtipos diferenciados – inglês escocês, irlandês e galês – não somente pelo sotaque, mas pelas culturas das palavras, das expressões e dos sentidos da comunicação.

É importante salientar que na ciência, na medicina, na tecnologia e nas artes houve empréstimos do latim, grego, francês, italiano, português, além de palavras de línguas nativas da América, África e Ásia, construindo de fato uma fonte de mais de 50 línguas. Temos como exemplos *television* (“televisão”) que vem do latim “*tele*” e do grego “*vision*”; *microchip* (“microchip”), que vem do grego “*micro*” e do alemão “*chip*”. Algumas singularidades mais contemporâneas podem ser explicadas pela tendência existente, àquela época, de enfatizar a origem grega ou latina das palavras ao grafá-las, independentemente de como as pessoas as pronunciavam. Não havia regras nem para a escrita nem para a pontuação; assim, escritores e falantes seguiam individualmente seus próprios instintos, muitas vezes adicionando letras extras às palavras e afirmando que elas já apareciam no latim, como por exemplo *isle* (“ilha”), que recebeu o seu “s”, deixando de ser apenas *Ile*, sob o argumento de que se havia originado do latim *insula*. Outro modelo são as palavras *debt* (“débito”) e *receipt* (“recibo”), pois o “b” em *debt* foi justificado pelo latim *debitum* e o “p” em *receipt*, pelo latim *recepta*. Havia uma necessidade de pôr a língua em ordem, por isso surgiram várias tentativas de listar as palavras de modo uniforme e categorizado. Assim, surge o dicionário do Dr. Johnson em 1755, que listava quarenta mil palavras sistematicamente – o atual dicionário Oxford, em edição completa, lista cerca de meio milhão.

Com o *Modern English*, a ortografia do inglês mudou em apenas pequenos detalhes, enquanto que a sua pronúncia sofreu grandes transformações. Destarte, hoje em dia, temos um sistema ortográfico baseado na língua como ela era falada no século XVIII, sendo usado para representar a pronúncia da língua no século XX.

3.4. As variantes do inglês

Serão abordados, resumidamente, as outras variantes de inglês existentes, como o australiano, canadense e o sul-africano.

Primeiramente veremos algumas peculiaridades acerca do *inglês australiano*, pois muitas pessoas imaginam que essa variante inglesa é semelhante à britânica. Foi James Cook, capitão na Real Marinha Britânica, quem reivindicou o território australiano para o império britânico em 1770 e o encarregado pelo processo de colonização da terra nova (no início de sua colonização, a Austrália era uma colônia penal). Embora a predominância britânica em termos linguísticos fosse forte no início, já em 1788 algumas diferenças começaram a surgir. Em 1820, o inglês falado na Austrália foi reconhecido como sendo diferente do inglês britânico, principalmente por causa da mistura dos aborígenes, os índios que já estavam lá, e dos ingleses (e outros parceiros da coroa britânica), que foram chegando aos poucos. Devido às várias influências, o inglês australiano se diferencia das demais variantes do inglês na pronúncia, principalmente na pronúncia das vogais.

Em algumas palavras o som /ei/ é pronunciado /ai/ no inglês australiano. Assim, a palavra “day” é pronunciada /dai/ e não /dei/ como na maioria das outras variantes. Consequentemente, a palavra “yesterday” é pronunciada /jesterdai/; “mate” (amigo, cara, parceiro) é pronunciada /mait/; “fate” soa /fait/. Para dizer “good day, mate” (bom dia, parceiro) a pronúncia será algo como “good eye might”. (LIMA, 2012).

Em relação à ortografia – o inglês australiano, assim como os demais países de língua inglesa, não tem um órgão que cria regras e fiscaliza o modo como as palavras são escritas. Para ter certeza sobre a escrita de uma palavra, os australianos recorrem ao Macquarie Dictionary, o dicionário oficial do inglês australiano. No que diz respeito à ortografia, o inglês australiano é muito parecido com o inglês britânico.

A gramática do inglês australiano não é tão diferente do inglês britânico. Há sim diferenças em relação ao inglês americano, mas são as mesmas diferenças existentes entre o americano e o britânico: o uso do *Present Perfect* em algumas situações, o uso do artigo definido “the” em alguns casos, e outras nem tão grandes assim. Ou seja, as principais diferenças estão na pronúncia, no sotaque e no vocabulário.

Em relação ao *inglês canadense*, a pronúncia do idioma varia de região para região, principalmente por se tratar de um país bilíngue e de dimensões continentais. Os canadenses desenvolveram o seu inglês por

meio de empréstimos de línguas indígenas e do francês, da ampliação e adaptação do significado de palavras inglesas tradicionais e da criação de novas palavras. Em geral a diferença principal no Canadá está entre os falantes nativos do idioma inglês e dos francófonos, que possuem um sotaque muito mais carregado no idioma. O inglês canadense também é um tipo de mistura entre expressões americanas, a ortografia britânica e a pronúncia canadense:

O principal indicador e diferença no sotaque apontado pelos americanos envolve o uso prolongados das vogais (basicamente utiliza-se mais ar para falar um conjunto de vogais em uma palavra), a substituição do “ou” pelo “u”, como em “*about*”, “*cloud*” etc. Neste caso, os canadenses falam de forma mais acentuada a letra “u”, esquecendo um pouco o som da letra “o”, e por fim a troca do “*huh?*” (no fim de frases com o sentido de “*don't you think so?*”) por “*eh?*”. Além da diferença na pronúncia, há também as expressões cotidianas que só os canadenses conhecem e que para os americanos não faz o menor sentido. São elas: “*toonie*” (moeda de dois dólares canadense), “*timmi-es*” (prostitutas), “*mickie*” (uma dose de bebidas mais fortes), “*hoser*” (insulto similar ao “*loser*” nos EUA), e muitas outras. (STUDYGLOBAL, 2012)

Os canadenses também podem escolher em conversar da maneira que os americanos ou que os britânicos conversam. O inglês canadense é mais flexível que o britânico, onde as regras de pronúncia são mais rígidas. Apesar de falarem algumas palavras como os americanos, a maioria dos canadenses segue o estilo britânico.

É interessante saber que a diferença de sotaque do Canadá para os Estados Unidos é muito menor do que para qualquer outro país que tenha o inglês como língua nativa, mas há algumas exceções notáveis. Canadenses frequentemente trocam os sons de “t” pelos sons de “d”, como por exemplo: ao falar o nome da capital do Canadá, Ottawa, não é incomum que seja pronunciado “*Oddawa*”.

Por fim, conheceremos um pouco acerca do *inglês sul-africano*, que é a primeira língua de cerca de 10% da população da África do Sul. Ao longo de sua história, esta variante sofreu fortes influências das línguas zulu e africâner. Uma palavra de origem africâner, que ganhou força no mundo inteiro e encontra-se na boca de qualquer falante de inglês em todas as partes do mundo é a palavra “*trek*” que significa “caminhar” ou ainda “caminhada” ou “jornada”. Essa palavra é geralmente usada na combinação “*go trekking*” [fazer trilha].

A gramática sul-africana tem um número de características distintas. Eis algumas delas:

“Is it?” é uma resposta muito comum. É invariável, não se deve preo-

cupar com qual auxiliar usar:

- “She’s got that new job.”
- “Is it?” – ou –
- “They’re coming tomorrow.”
- “Oh, is it?”

Declarações podem ser enfatizadas usando-se “aikoma” no início:

“Aikoma bread left” quer dizer “No bread left”

Um “não” não-negativo também pode ser usado no início de declarações, para dar ênfase:

- “How are you?”
- “No, fine thanks.” (Postado por VALDEMIR)

Para concluir este giro pelo inglês no mundo, veremos algumas particularidades do inglês sul-africano:

O que em inglês tradicional é conhecido como “pick-up truck” [*caminhone*] os sul-africanos podem chamar de *bakkie*. “Lekker” é o mesmo que “good”, “nice”, “cool”, “great” ou “tasty”. “China” também é algo engraçado. O presidente Obama quando disse “*this is my man*” para o ex-presidente Lula, teria sido traduzido por “*this oke’s my china*” no inglês sul-africano. Isto porque “*china*” é uma gíria como “amigão”, “*camarada*”, “*brother*”. Em português a sentença “*this oke’s my china*” é o mesmo que dizer “*este cara é meu amigão*”. Anote aí que “*oke*” é o mesmo que “*guy*”, “*man*” [*cara, sujeito*]. Se você pedir para que um sul-africano faça algo e ele responder “*I’ll do it just now*”, cuidado! Para eles “*just now*” significa “*em um futuro próximo*” e não o que que normalmente traduzimos como “*agorinha mesmo*” ou “*neste instante*”. Portanto, atenção com o “*just now*” por lá. (LIMA, 2010)

Pudemos perceber e ratificar, após o estudo sucinto, que a língua inglesa se expandiu pelo mundo inteiro e que as palavras possuem muitas faces, fazendo com que elas influenciem na semântica, na estrutura morfológica e na sintaxe das palavras.

4. Conclusão

Com tantos países falando inglês como primeira ou segunda língua, poderia haver algum temor de que se separasse em dialetos e viesse a se transformar em línguas diferentes (o destino anteriormente dado ao latim). Mas é preciso lembrar que as novas variedades do inglês ao redor do mundo não se desenvolvem isoladamente. Embora pouco tempo tenha se passado para compará-lo com o latim, o inglês tem hoje em dia algo que o latim nunca teve: a mídia. Os computadores, a televisão via satélite, o turismo e o comércio internacional ajudam a prover o intercâmbio de variações linguísticas e a criar um possível padrão mundial. O elemen-

to mais importante dessa língua mundial é a comunicação e, de fato, quando falantes nativos de inglês de diferentes países se encontram, eles tendem a usar uma “língua franca”, em vez de expressões e vocabulário regionais.

A teoria sociolinguística fornece o embasamento conceitual necessário não só ao profissional em formação, como aquele que já tem a prática de sala de aula, para que ele possa refletir sobre o papel das variedades da língua inglesa nos usos da língua por falantes nativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, T. Sociolinguística: parte 1. In: FRANCESCON, P. et al. Variação linguística no ensino de língua inglesa. *Revista Entrelinhas*, vol. 7, n. 2, jul./dez.2013.

BAGNO, M. *Língua moderna: letramento, variação & ensino*. São Paulo: Parábola, 2001.

_____. *Português brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola, 2002.

BHATIA, T. *The Handbook of Bilingualism and Multilingualism*. 2. ed. John Wiley Professional, 2001.

BIBLIOTECA Virtual de Direitos Humanos da USP. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/constituicao-dos-estados-unidos-da-america-1787.html>>. Acesso em: 05-06-2015.

BOURNE, R. Commonwealth of Nations: Estratégias intergovernamentais e não governamentais para a proteção dos direitos humanos em uma instituição pós-colonial. *Revista Internacional de Direitos Humanos*, vol. 7, n. 12, jan/2010. Disponível em: <http://www.surjournal.org/conteudos/getArtigo12.php?artigo=12,artigo_03.htm>. Acesso em: 29-05-2015.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

BURGESS, A. *A literatura inglesa*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

EMBAIXADA dos Estados Unidos da América. Disponível em: <<http://photos.state.gov/libraries/adana/30145/publications-other-lang/PORTUGUESE-CONTINENTAL.pdf>>. Acesso em: 05-06-2015.

INTERCÂMBIO no exterior. Disponível em: <<http://intercambiosnoexterior.blogspot.com.br/2012/10/as-diferencas-entre-os-sotaques-dos.html>>. Acesso em: 06-06-2015.

KALVA, J. Inglês como língua franca e a concepção de identidade nacional por parte do professor de inglês: uma questão de formação. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, vol. 8, n. 9, p. 163, jul/dez-2011.

LIMA, Denilson de. Inglês australiano: diferenças e curiosidades. *Inglês na Ponta da Língua*, 21/05/2012. Disponível em: <<http://www.inglesnapontadalingua.com.br/2012/05/ingles-australiano-caracteristicas-e.html>>. Acesso em: 06-06-2015.

_____. Inglês no mundo – África do Sul. *Inglês na ponta da língua*, 08/06/2010. Disponível em: <<http://www.inglesnapontadalingua.com.br/2010/06/ingles-no-mundo-africa-do-sul.html>>. Acesso em 06/06/15.

MONTEIRO, J. *Para compreender Labov*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

NIEDERAUER, Juliano. Canadian English. *Só língua inglesa*. Disponível em: <<http://www.solinguainglesa.com.br/conteudo/ingmundo4.php>>. Acesso em: 06-06-2015.

SALOMÃO, A. Variação e mudança sociolinguística: panorama e perspectivas da sociolinguística variacionista no Brasil. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, vol. 8, n. 2, jul/dez 2011, p. 187-207.

SCHUMACHER, C, et all. *Guia de pronúncia do inglês para brasileiros: soluções práticas para falar com clareza*. 11. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

SILVA, M, SMITH, M. As muitas faces das palavras na língua inglesa: variação linguística diacrônica e diatópica. *Linguagens – Revista de Letras, Artes e Comunicação*, Blumenau, vol. 6, n. 2, p. 186, maio/ago.2012.

STEINBERG, M. *Inglês americano x inglês britânico*: palavras diferentes para o mesmo sentido, sentidos diferentes para a mesma palavra. São Paulo: Disal, 2003.

STUDYGLOBAL: As diferenças de sotaque entre os Estados Unidos e o Canadá. *Studi Global*, 01/10/2012. Disponível em: <<http://intercambiosnoexterior.blogspot.com.br/2012/10/as-diferencas-entre-os-sotaques-dos.html>>. Acesso em: 06-06-2015.

TRAVAGLIA, L. *Gramática e interação*: uma proposta para o ensino da gramática no 1º e 2º grau. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

VALDEMIR. Inglês sul-africano. *My Bloglish – English Language*: Dicas de inglês/English tips. Disponível em: <<http://mybloglish.blogspot.com.br/2010/05/ingles-sul-africano.html>>. Acesso em: 06-06-2015.